Ano I — N.º 16 | Guimarães, 25 de Julho de 1931 | Numero avulso, $50

O Povo de Guimarães

Semanario Republicano

IMPRESSO NA TIPOGRAFIA «MINERVA» — DE VILA NOVA DE FAMALICÃO —

DIRECTORES: DAVID D'OLIVEIRA, DUARTE FRAGA, EDUARDO D'ALMEIDA

— REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: — PROVISORIAMENTE, NA R. 5 DE OUTUBRO, 33

Bandalhos e traidores

Claro está que não devemos permitir a entrada nas fileiras republicanas a indivíduos confessadamente monárquicos.

E' claro que não devemos consentir que a horda dos aventureiros, que retouça em todos os campos e em todas as gamelas, venha abrigar as suas ambições e o seu impudor à sombra da bandeira da República ou de qualquer dos seus partidos.

Do passado, dêsse passado tão mal vivido que merece a condenação de todos os sinceros republicanos, preciso é que nem tudo se enterre e esqueça.

Dêsse passado ha-de ficar de pé a dura lição recebida, lição que a História já arrecadou, e que nós, os republicanos, os democratas, devemos trazer sempre gravada nos nossos espíritos, sempre presente.

E' preciso não esquecer que, se a República perigou, isso se deve menos às discórdias entre republicanos do que ao facto de ter alcandorado a funções directivas da política republicana indivíduos que para a República tinham vindo sem fé nem convicções, como bagagem trazendo sòmente os seus apetites desmedidos e as suas ambições insaciáveis.

E' necessário não esquecer que as rixas entre republicanos, de que tão mal ferida saiu a República, têm o seu primeiro factor na boa fé que puseram os partidos republicanos em escancarar as suas portas, em dar entrada franca a todos os videirinhos da monarquia, a todos os aventureiros e especuladores da política, que para o novo regime trouxeram os vélhos hábitos da intriga e do descrédito, as vélhas manhas da política pessoal, improfícua e, até, destrutiva.

A êles, a êsses politiqueiros sem crédo nem escrúpulos, deve a República, devemos nós, os republicanos, os mil dissabôres por que passamos, as horas angustiosas de cruel desalento, em que víamos o sossôbro de todas as nossas esperanças, o naufragar de todo o nosso esfôrço, de tôda a nossa fé.

A êles, e só a êles, devemos o funesto desencadear das paixões partidárias, injustas e injuriosas; a êles, e só a êles, devemos a guerra cruenta em que, por vezes, nos vimos envolvidos, e a traição infame, as traições infames, que ameaçaram subverter o regime e a própria nacionalidade.

Assim, justo é que os afastemos.

Que há aderentes de boa-fé, sinceros, leais, também o crêmos, mesmo porque só os desatinados, ou desnacionalizados, não verão na República a seqüência lógica das nossas tradições liberais e o esteio seguro de uma sociedade e de um Portugal melhor.

Para êsses, para os que à República aderem com sinceridade, com lealdade, sempre ela guardou o quinhão do filho pródigo, sem que com isso os republicanos se abespinhem. Esses serão sempre bem-vindos. Mas, os outros...

E, se é urgente e se é lógico, dar de mão a êsses aderentes de má morte; se é necessário que nos acautelemos contra a horda monárquica, assalariada ao estomago; se devemos correr de vez com todos os aventureiros e com todos os videirinhos da política, ¿que atitude tomar contra os que, confessando-se republicanos, se conservam indiferentes ante os males e as vicissitudes da República?

¿Que fazer aos que, dizendo-se republicanos, se fecham na tôrre de marfim das suas comodidades, e dos seus interêsses e às suas vaidades sacrificam os seus correligionários e a própria República?

Sim! E' tempo, é mais que tempo de separar o trigo do joio.

E' tempo de nos convencermos de que nenhum republicano tem o direito de se isolar no seu egoismo quando os seus correligionários, quando a República carece do seu esfôrço, do seu auxílio; quando os seus correligionários lutam para que a República seja o que deve ser: um regime de leis egualitárias, com a liberdade por princípio e a Justiça por fim.

E' necessário bradar bem alto que se é digno de repulsa o que falsamente adere à República para satisfação dos seus interêsses e das suas vaidades, mais digno dessa repulsa é o que na hora presente se fecha no seu comodismo, no seu egoismo, negando os princípios que professa, negando a República.

Mais digno de repulsa, porque se os primeiros, os que aderem sem fé e sem convicção, são bandalhos, os outros, os que dizendo-se republicanos, não servem nem defendem a República, são traidores.

DÓRIO.

Uma frase...

Os reis no exílio são volta e meia motivo de notícias jornalisticas.

A propósito de Afonso de Bourbon, que goza em França a vida alegre e afortunada de burguês desocupado e cheio de dinheiro, contava há dias um jornal de Madrid que, durante uma visita ao Museu de Fontainebleau, sendo-lhe mostrado pelo cicerone uma gravura que representava a abdicação de Napoleão I, S. Ex.ª exclamara:

— «Eu é que não abdico.»

Ora aqui está uma frase piramidal, que vai causar as maiores perturbações em Espanha e fazer periclitar a vida do novo regime...

Ele não abdica... Não abdica de quê?

Só há em todo o mundo um soberano que jàmais pode abdicar dos seus direitos, porque é o único que na verdade os possui: o Povo. E o Povo espanhol, que já exteriorizou de uma maneira insofismável a sua vontade, resolvendo governar-se a êle próprio e, acabar, de uma vez para sempre, com a fantochada do trôno, não abdicará, com certeza, dos direitos que lhe pertencem.

Eng. António Sarmento

Acompanhado de sua Ex.ma esposa, regressou da Bélgica, onde cursou ciências Electro-Técnicas, o nosso amigo e correligionário, sr. António Sarmento, genro do nosso correligionário e amigo, sr. Bernardino Jordão, concessionário da luz e importante industrial.

IMPRENSA REPUBLICANA

Publica-se em Lisboa, há já algum tempo, o semanário *Notícias de domingo*, que foi primitivamente dirigido pelo dr. Ramada Curto, eminente advogado e ilustre homem de letras, e está hoje sob a direcção do dr. Virgílio Godinho, republicano que tem prestado já relevantes serviços ao regime.

Optimamente colaborado, com magnífico aspecto, deve merecer o auxílio dos republicanos.

— Também em Lisboa, começou a publicar-se *A Alvorada*, igualmente semanário, dirigido por Miguel de Abreu, um nome que todos os repu licanos conhecem.

Com secções variadas, entregues ao cuidado de individualidades competentíssimas, redigido excelentemente, abordando com proficiência os mais diversos problemas nacionais, é, sem dúvida, um jornal brilhante, de leitura atraente.

Aos dois colegas no combate pela democracia, enviamos as nossas saudações calorosas, com os protestos da nossa incondicional solidariedade.

¿QUEM É?

O Povo de Guimarães tem três directores de nomes individualizados na frente do jornal, que assumem inteira responsabilidade de quanto nêle é publicado.

Quando lêem prosa, na sua vida jornalística, como a muito lamentàvelmente publicada na terça-feira última por *O Comércio de Guimarães*, por princípio e dignidade própria, cospem e passam adiante.

Porém, «o momento histórico que atravessamos» não lhes permite essa simples reacção natural de pessoas limpas de inteligência e de prosa.

E por isso intimam, muito formalmente, e em razo e público, para se definirem atitudes e responsabilidades, a que *J. M.* declare, na verdade, — quem é (?) — para que saibam como hão de proceder.

O Escudo Republicano

Uma grandiosa obra de solidariedade e assistência

República, o brilhante colega lisboeta que o ilustre republicano Ribeiro de Carvalho dirige com brilho notável, vem fazendo desde há tempos uma nobre e generosa campanha a favor das famílias necessitadas dos correligionários nossos.

Contam-se por centenas as famílias de republicanos que se encontram na miséria, muitas delas com os seus chefes auzentes ou sem trabalho. Conhecem-se casos horriveis, como o daquela senhora, esposa de um oficial superior do Exército, que, com dez filhos, se viu em certo momento sem pão para os alimentar e sem recursos para os educar. Abandonar essas famílias, deixá-las na míngua do mais necessário, seria um crime de que a alma republicana do povo não é capaz.

Para pràticamente se poder efectuar o auxílio a todos êsses lares atingidos pela adversidade, criou aquele nosso colega **O Escudo Republicano**, isto é, a contribuïção voluntária da quota mínima mensal de 1 escudo por parte de cada republicano. A sôma dêsses óbulos mensais será o bastante para impedir o negro espectáculo de miséria em que vivem tantos correligionários nossos.

Temos a certeza de que os republicanos vão dar um elevado e digno exemplo de solidariedade.

Exortamos os republicanos de Guimarães a que promovam sem demora a organização de **O Escudo Republicano**, contribuindo assim para a realização de uma tão grandiosa obra de assistência.

Aqueles que assim o desejem, podem desde já enviar os seus nomes para a administração dêste jornal.

LADAÍNHA

Aonde estás, ó virgem de olhos calmos
E mãos longas, mas ágeis, protectoras,
Que hás-de pousar na minha fronte ás horas
De mágua e desalento?...

Aonde estás, ó virgem de olhos calmos
E de maneiras humildes, mas ungidas
De graça e luz, maneiras comovidas
De paz, de esquecimento?...

Aonde estás, ó virgem de olhos calmos
E de voz musical, mas grave e séria,
Que saibas perdoar tôda a miséria,
De que eu sou feito?...

Aonde estás, ó virgem de olhos calmos,
Tão esbelta e fina, mas humana e forte,
Que hás-de afastar do meu caminho a morte
Que dorme no meu peito?!

AMÉRICO DURÃO.

«Lâmpada de Argila»

Recenseamento e eleições

Poucos dias restam para terminar o prazo do recenseamento. E' tempo ainda dos que por qualquer motivo se não inscreveram, tratarem de o fazer.

Não importam, por agora, as opiniões de cada qual sôbre o acto eleitoral pròpriamente dito. Uma cousa são as eleições e outra o recenseamento. A êste nenhum republicano deve faltar. Ele servirá, quando mais não seja, para por via dêle se poder de certo modo extremar os campos, calculando, com aproximação quási rigorosa, quem é pela República e quem é contra ela.

Para ir de encontro ao receio que muitos têm de que o recenseamento possa porventura ser adulterado, lá estão as disposições legais, que são categóricas e concedem a faculdade de reclamar contra todos os atropêlos que se cometam. E a lei há-de ser cumprida. As leis fazem-se para se cumprirem. Portanto, desde que todos os cidadãos promovam a sua inscrição dentro das condições prescritas na lei, os funcionários disso encarregados terão forçosamente de os incluír nos respectivos cadernos. Admitir que se pudesse impunemente falsear o texto expresso das disposições legais, usando para isso de habilidosas artimanhas, inadmissíveis nos tempos que vão correndo, seria partir da certeza de que viriamos a caír numa tremendíssima burla. A êste respeito foram sobremaneira eloqüentes e tranqüilizadoras as palavras pronunciadas pelo sr. General Carmôna num discurso muito significativo.

Pelo que respeita à intervenção no acto eleitoral, é caso que depende de condições, até agora ainda não verificadas, que respeitam essencialmente ao mínimo de liberdades que na ocasião possam uzufruír os cidadãos. Para o exercício do direito de voto necessário se torna, e indispensável, que a propaganda, quer falada, quer escrita, se possa fazer livremente, subordinada ùnicamente aos naturais limites impostos pela defesa da integridade do Estado e do regime. De outra maneira, o sufrágio será uma cousa inexpressiva, sem qualquer significado real.

Ora o governo há-de querer, com certeza, que através das urnas, o País se manifeste sem receio nem temores, com a antecipada convicção de que a sua vontade será respeitada e acatada.

O último govêrno monárquico de Espanha procedeu, quanto ao ponto de vista eleitoral, de uma maneira exemplar, dando uma lição elevada e dignificadora de civismo. Os políticos que rodeavam Afonso de Bourbon compreenderam nitidamente que era chegada a hora de deixar que a nação escolhesse o melhor rumo dos seus destinos históricos.

Assim deveria acontecer entre nós.

O dever dos republicanos portugueses consiste, neste momento, em recensearem-se. Todos se devem compenetrar de que, em condições normais, o triunfo da República será uma realidade magnífica, insofismável!

Visado pela Comissão de Censura

TRIBUNA LIVRE

PATRIOTAS

Certa imprensa diária, detentora de todos os cordelinhos reaccionários e jesuíticos, esfalfa-se, cansa-se e tressua para validar o seu **patriotismo** *inconcusso e indiscutível, declamando iras como possessa contra aqueles que não navegam nas suas águas e apelando senão para os sentimentos mais vis do coração humano — como diria o suísso Numa Droz na sua «Instrução Cívica», — para as paixões mais degradantes, para o espírito de rancor, de violência e de sedição.*

Gozando duma liberdade ampla, tendo o verdadeiro assentimento de pessoas ditas republicanas, e confessando constantemente a sua humilhação perante... Deus, essa libidinosa e botequineira imprensa diária, espumando a raiva como pratica os jejuns, promulga «o dogma do regabofe nacional», e, temulenta de entusiasmo, prostrada perante os detentores da ordem... **franciscana,** *faz opinião pela intriga, atropela e denega os mais sagrados direitos dos outros, e usa a delacção por sistema e índole.*

Não admite controvérsia.

Ela e só ela pode insultar, caluniar e ofender.

Sentindo-se com as costas quentes, escudada não sabemos em que lei, e auferindo regalias que de sobremaneira a beneficiam, assinala e caracteriza a miúde o seu ódio vêsgo contra a República e o sistema democrático instituído, fere fundo as honras dos cidadãos a quem está coartado o direito de defesa, e procura dar realce à especulação miserável — verdadeiramente miserável! — de desdizer, esconder, as causas da agitada administração política que teve lugar no período decorrido entre a revolução de 1910 e o movimento militarista de Maio de 1926.

Esconde, desdiz, mente e torce os factos, só porque receia que lhe lembrem as traições de que essa mesma imprensa se fez eco, a principiar nas incursões conceiristas e acabar na ridícula farça da monarquia do Norte, quer sob a denominação de «O Dia», quer encabrestada ao título de «A Época».

Mente e calunia, biliária e arrogante, simplesmente para que lhe não exprobem os crimes de lesa-pátria — **autênticos crimes de lesa-pátria!** *— que cometeram, os mais reles, os maiores e os mais inconcebíveis de que reza a história, e que tiveram comêço no desejo da intervenção da Espanha em Portugal e no elogio feito à Alemanha* **vitoriosa,** *quando da conflagração europeia. Vive do lôgro e joga aos dados a Nação.*

Em campanhas defectistas, esta esponja de fel e fêcho de imbecilidade, mereceria um desprêso cuspido em vendilhões e nunca as balas justiceiras dos fusilados no Bosque de Pacaut, na Flandres, em nossos dias ainda.

¿ Traidores? ¿ Vilões?

Sim, traidora é tôda aquela imprensa reaccionária que vem gozando da impunidade conferida pela justiça republicana, benévola e, por vezes até, indulgente.

Sim, traidora e cobarde.

¿ Porquê?

Porque encobre os seus crimes difamando e chamando criminosos aos que nunca tiveram por comparsas os trauliteiros do Éden e os cúmplices dos tripulantes da «camionette-fantasma».

L. Coelho.

Medalha de ouro

Na Avenida Cândido dos Reis foi encontrada uma medalha de ouro que se entregará a quem pertencer.

Nesta redacção se informa.

Na casa HIGH-LIFE se encontra hoje uma transformação completa nos preços do seu enorme sortido.

Coisas e Loisas

CASTIGO DE DEUS

COM a sensibilidade extraordinariamente aguçada, não sei se pelo calor da estação, se pela onda calmante de fé medieval que nos vai banhando e submergindo — deliciosa submersão! — li com feminina comoção os gongóricos hinos que o ilustre ultramontano teceu em volta do Tratado de Latrão. A Santa religião, o santo padre, o *duce* ilustre, davam-se as mãos fraternalmente, amorosamente, como nova *Trindade* que o Espírito Santo arrancasse do cáos das ideias dêste século irreverente, para, unidos, concordes, guindarem ao sétimo céu o Templo de Salomão, a casa de Deus. No topo da construção, no cocuruto da fábrica sublime, piscava de gôzo ideal o ôlho da Providência, feita fiscal dêste mísero rebanho humano, uns em seus pensares e em seus quereres, submetido como que por encanto a um só credo — o da Roma papal.

Que felicidade!... O bom do jesuita via tudo côr de rosa. O velho sônho ia cumprir se. Eis senão quando...

Obra do diabo, pela certa, o maravilhoso edifício, tão subtilmente arquitectado, esbarronda-se, como se ciclópica traça lhe esfarelasse os alicerces. Obra do diabo — aquele *duce* é o diabo — as mãos desligam-se e o velho sônho, a ambiciosa aspiração, mais uma vez se subverte e desfaz. Obra do diabo ou castigo de Deus, que êste também parece apostado em contrariar os absorventes planos dos seus representantes na terra.

E faz êle muito bem. A meu ver é um dos argumentos mais sérios a provar a sua existência.

* * *

UM COMO TANTOS OUTROS

POR êste andar nada ficará que aplaudir no último Bourbon de Espanha, agora refugiado na brumosa Inglaterra, parlamentar e democrática.

Da aura favoravel que lhe teceram seus áulicos e admiradores dos tempos felizes, dos tempos das vacas gordas, resta, apenas, o eco vão de uma lenda, que em bem pouco, em quási nada, assenta a sua existência.

A' medida que a Historia o vai despindo das galas e ouropeis da realeza, mais e mais se acentúa a sua vulgaridade, que um egoísmo grosseiro torna antipática e condenável.

Um rei como tantos outros, êste Afonso de Bourbon, afinal de contas. Um rei que se foi *governando*, a ponto de partir para o exílio com fortuna de nababo, quási tôda feita em negócios censuráveis e depositada em bancos estrangeiros, dêste modo concorrendo para o agravamento da crise económica da nação que chefiava, do povo que dirigira.

Temos de concordar que Brazão Ibanez tinha carradas de scola.

* * *

SANTOS POPULARES

EU tenho manifesta simpatia pelos santos que o povo, antes que o Vaticano, em sua admirável ingenuidade canonizou. A singela trindade dos santos rapioqueiros, santos jacosos que se não zangam com a ironia brejeira dos simplórios devotos, merece-me, por isso, particular estima. Santos populares lhes chamam e com cabimento, se os compararmos ao Senhor dos Passos da Graça, feito para patrocinar, apenas, os pavões da aristocracia e os tardios arrependimentos das velharias brazonadas.

Santos populares, os seus benefícios e os seus milagres não têem preferências, por todos se distribuindo às mãos cheias, com pródiga largueza e paternal cuidado; e, como se não chegasse, para demonstrar seu divino poder, actuar miraculosamente sôbre os homens, vá de estender a sua acção ao mundo inferior, aos animais e às plantas, à corte e à capoeira, à horta e ao trigal. Santos duma cana, santos que antes de o ser já o eram, entraram pela Igreja dentro com o seu alegre e picante cortejo de mitos e lendas pagãs, as suas fogueiras e os seus anhos, os seus coros e as suas danças, *prantaram-se* em suas modestas peanhas, e... não ha *pintura* que os altere, nem traça clerical que os aniquile. Santos duma cana!

Panfleto

O biltre não grunhiu...

Quando no ante-penúltimo numero do *Povo de Guimarães* desafiei *um observador* do *Jornal de Felgueiras*, a que definisse, sem sofismas, um insulto despejado pela sua pena rancorosa e vêsga — em tudo semelhante a uma gazúa com que assalta a honra alheia — sôbre os políticos republicanos de todo o país — não sabia ainda quem pudesse ser o autor da diatribe — se bem que, antecipadamente, o julgasse já um desclassificado moral.

Esperei que o escriba, depois de sentir as faces retalhadas pelo meu repto, tivesse um assômo de rebeldia — daquela rebeldia de que até os covardes são capazes — e viesse, com ar superior, agitar a flâmula laureolada da sua honestidade sem mácula e da sua autoridade moral e política — rendendo-me, entupindo-me, fazendo-me sumir pelo chão abaixo...

Mas, não.

O biltre não grunhiu.

Escudou-se com o silêncio e suirascando os pés, arregaçou a tromba num sorriso de asno, a mirar de longe...

Em Portugal, insultam-se os vivos com a mesma facilidade com que se esquecem os mortos e o sr. Auspício Augusto Dias Ferreira, para não fugir à regra dos que fazem da injúria a sua única arma de defesa — alfange de dois gumes envenenada pela ferrugem do despeito — cuspinhou, raivoso, a saliva negra dum ódio tôrvo, sôbre aqueles que ingenuamente o consentiram, um dia, nos seus grémios políticos e o escorraçaram depois, com a mesma repugnância com que se põe fora da porta um sapo encharcado em estêrco.

Quem é o *Catão* que faminto, rôto e a esmolar, desceu até Felgueiras, vindo de Fornos de Algodres?

Di-lo as crónicas:

Fez-se cão de fila do antigo chefe político do partido progressista do concelho de Felgueiras, dr. Ribeiro de Magalhães, a quem depois caluniou em paga das codeas que lhe deu condoído e em trôco dos serviços que lhe prestou.

Mais tarde o chefe do partido regenerador no mesmo concelho, conselheiro Mendonça, admitiu-o ao seu serviço, atulhando-o de favores, entre eles o de lhe conseguir licença para advogar e uma pensão para sustentar a familia.

Com o advento da República, apregoou aos quatro ventos o seu republicanismo e voltando as costas ao conselheiro, fez-se democrático — e, desde então, até ao 28 de Maio em que desatou o taleigo de todo o seu aplauso á ditadura, sarapintou-se das mais variadas cores partidárias: — sidonista (no tempo do *dezombrismo)* esquerdista (no consulado do sr. dr. José Domingos dos Santos).

Veio a União nacional e Auspício Dias Ferreira, irmana-se politicamente com o chefe local dêsse agrupamento, que é genro do antigo chefe progressista no concelho de Felgueiras, dr. Ribeiro de Magalhães, de quem foi o mais servil de todos os lacaios.

E' êste homúnculo que se atreve a falar nas *durindanas* do exército português — como se os oficiais que o compõem, usassem calças do talim a espada do D. Roldão... — e precisassem dos seus conselhos para defenderem a Ordem e a República.

Hipócrita, como um aprendiz de clérigo; sabujo, como o mais reles dos carrejões.

Aí fica, em esbôço o retrato moral de um *observador*, que é conhecido por Auspício Dias Ferreira.

Que a fantasia de cada um lhe dê o lugar que êle merece...

Julho, 1931.

M. A.

No País Vizinho

Assembleia Constituinte. — Depois da extraordinária lição dada a todo o mundo quando das eleições municipais e, mais recentemente, por ocasião das legislativas, a Espanha viveu há dias as horas supremas da existência de uma nação que por sua vontade resolveu enfileirar ao lado dos países progressivos.

Terminou o período revolucionario. Com a abertura da Câmara consolidou-se definitivamente o novo regime. Falta sòmente, agora, dar-lhe a estrutura jurídica. Tal é o formidável encargo dos deputados espanhóis.

Os acontecimentos da República irmã prestam-se ao comentário desenvolvido e à meditação profunda. Sôbre o entusiasmo do povo madrileno no dia em que, passados oito anos de opressão, de novo começou a fazer ouvir a sua voz, por intermédio dos seus representantes, fala eloqüentemente um telegrama que vinha inserto em *O Comércio do Pôrto* (propositadamente escolhêmos êste jornal por ser absolutamente insuspeito).

Vejamos:

«Madrid está em festa.

A Gran-Via apresenta o aspecto movimentado e festivo dos grandes dias, que hoje é sem dúvida um grande dia de festa para tôda a Espanha, muito principalmente para esta linda cidade de Madrid, cheia de alegria, aquela alegria que lhe empresta o carácter franco e sádio dos bons madrilenos, e o sorriso perene das lindas mulheres, que são as mais belas flores dêste formoso jardim.

Uma nova era se abre para a Espanha, tão sequiosa de luz e de progresso.

O Palácio do Congresso, depois de 8 anos de encerramento, reabre hoje as suas portas, para que a vontade soberana do povo seja proferida pela bôca dos seus deputados.

E é, por se sentir livre e soberano, êste bom povo que está contente, despedaçadas as correntes que o algemava a um passado histórico, mas asfixiante, que o inibia de voar em busca do seu ideal — o progresso e a verdade.»

E ainda mais, sôbre o elevado significado do facto historico verificado no dia 14:

«As Constituintes, que hoje se reunem pela primeira vez, vão apregoar ao Mundo inteiro, através das ondas hertzianas, que a Espanha é um país livre, livre de todos os preconceitos conservadores e os seus actos de 12 de Abril e 5 de Julho, foram da exclusiva vontade do povo, e não impostos pela fôrça.»

.....

«Por isso Madrid está em festa.»

*

* *

Números elucidativos. — Os jornais espanhóis publicaram há pouco notas interessantíssimas. Numa delas fazia-se o apanhado de tudo quanto a extinta monarquia tinha orçamentado para despesas com as escolas, as estradas e outros serviços públicos indispensáveis e de importância. Noutra indicavam-se as quantias que dispendia em puro benefício de clérigos, frades e freiras. Transcrevemo-la na integra, do nosso prezado colega *Primeiro de Janeiro*:

	Pesetas
Clero	29.000.000
Seminários	3.800.000
Escolas católicas em Jerusalém	700.000
Igreja do Santo Sepulcro	150.000
Tribunal eclesiástico ...	550.000
Ao papa	100.000
Embaixada do Vaticano	500.000
Embaixada do Vaticano em Espanha	500.000
Missionários..	500.000
Obras piedosas	550.000
Freiras	2.050.000
Franciscanos	60.000
S. Francisco...	50.000
Irmãos da Caridade ...	220.000
Irmandades de caridade	3.000.000
Escolápias	25.000
Virgem de Monserrat ...	15.000
Santa Tereza	15.000
A Almudena	100.000
Clero vasco	2.800.000
Covadonga	70.000
Catedrais	7.400.000
Capelas reais	105.000
Administração e visitas	240.000
Clero aposentado... ...	580.000
Jubilações	118.000
Menino Jesus	300.000
Asilos religiosos	1.270.000
Enclaustrados	400.000
Junta de Senhoras Católicas	25.000
Culto e clero castrense	2.000.000
Clero de Hospitais e Hospícios	600.000
Despesas de culto ...	1.800.000

Cincoenta milhões trezentas e noventa e três mil pesetas!!!

*

* *

Mais números elucidativos. — A pobreza de uma família real no exílio. — Afonso de Bourbon, cuja intervenção directa na maior parte das grandes negociatas, mais ou menos escuras, efectuadas durante o seu inglório reinado, está hoje averiguadíssima, acumulou uma *fortunazinha* muito regular.

Sôbre o montante dela, fazia *A Liberdade* os seguintes cálculos e comentários, que arquivamos por nos parecerem muito interessantes:

«Segundo os dados oficiais fornecidos à imprensa pelo govêrno provisório da República Espanhola, a fortuna da antiga família rial é de 84 974:171 pesetas, ou sejam 186.943:176$20 ao câmbio médio de 2$20.

Trata-se com certeza duma fortuna acumulada, *honradamente*, à custa de muitos sacrifícios e extenuantes trabalhos...

E ainda houve muito imbecil que lastimou a sorte do ex-rei!

Coitadinho ficou pobre como Job.

Como vai vêr-se o *desgraçado* Afonso pode alargar-se à vontadinha comendo e vestindo bem, passeando, divertindo-se levando emfim uma vida de verdadeiro *lazzaroni*.

Sempre gostamos de números e são êles que nos contam que as régias magestades poderão gastar, lá no seu celestial paraizo onde se encerram, uma média de 2000 escudos por dia!

E reparem os leitores que a famosa fortuna dos ex-reis, lhes dava para viverem com essa «pequena» diária, durante 255 anos!

Outros cálculos fizemos que nos mostram poderem os Bourbons gastar durante 43 anos a quantia de 500 escudos por hora.

E' claro que em todas estas contas desprezamos pequenas fracções, fingimos ignorar que uma parte da fortuna se encontra rendendo bôa percentagem, e que tôda ela se acha valorizada em cêrca de 6 %.

De contrário verificariamos que a atuação da antiga família real era ainda mais *aflitiva!*

Aquela imensa fortuna colocada a 1 % dá um juro anual de 1869 contos ou seja uma bagatela de 5 contos por dia...

E basta, pois pode haver muito trabalhador que se apiede com a pobreza dos ex-réis»...

"O Povo de Guimarães,,

Vai proceder-se à cobrança do trimestre corrente.

Esperamos que os nossos prezados assinantes, avaliando as tremendas dificuldades materiais com que luta uma empresa como a dêste jornal (que não tem financiamentos, nem outros recursos se não os provenientes da assinatura), prontamente satisfarão a importância dos recibos que lhes vão ser enviados, evitando-nos os incalculáveis prejuizos que advêm da demora no seu pagamento.

«**O Povo de Guimarães**», que chega às mãos dos seus assinantes com tôda a regularidade, tem-se mantido com galhardia no lugar em que dêsde a primeira hora se colocou, batendo-se abertamente pelos princípios democráticos. Integrado na Aliança Republicano-Socialista, pode bem ser considerado como um órgão de todos os republicanos vimaranenses, agora fraternalmente unidos. E' justo, pois, que o auxiliem, que o amparem, que lhe deem fôrças para ir continuamente melhorando.

As prosperidades dêste jornal dependem quási exclusivamente da atitude dos republicanos de Guimarães!!!

O melhor café é o "BRASILEIRA"

GUIMARÃES

VIDA LOCAL

Festas da cidade — Bodas de prata das Gualterianas — O programa

Pode já afirmar-se com segurança, sem receio de que os factos desmintam a precisão, que as festas comemorativas do XXV aniversário das Gualterianas vão revestir brilhantismo.

Não serão ainda aquilo que deveriam ser. As razões todos as conhecem. Contudo, apesar das muitas dificuldades e dos inúmeros obstáculos que a cada passo surgem, é consoladora a convicção de que Guimarães vai mais uma vez provar que sabe, mesmo com pouco, realizar festas, se não grandiosas e imponentes, pelo menos decentes e capazes de atraírem grandes massas de forasteiros.

O programa está já completamente delineado, sendo deveras interessante.

Além das **Feiras Francas**, a que concorrerá a comissão de remonta do Exército, e que terão o atractivo de valiosos prémios para os que melhores exemplares expuzerem, haverá: **Batalha de Flores, Ginkana de Automóveis, Marcha Milaneza** e outros números que serão apreciadíssimos, como, por exemplo, o **Cortejo Regional**, em que tomarão parte dezenas de lavradeiras, com os seus trajes característicos, trazendo em cêstos as flores que hão de servir na batalha. Este cortejo deve ser de um aspecto encantador. Basta recordar o que se realizou por ocasião do Congresso Eucarístico, em 1927.

Na **Batalha de Flores** tomarão parte mais de vinte carros, que vão disputar o prémio de 500 escudos a atribuir ao que mais artisticamente se apresentar. No dia em que ela se realiza efectua-se também o **Concurso de Janelas**, com prémio para a que estiver engalanada com mais gôsto. Sabemos que vão ser muitos os concorrentes.

Para a **Ginkana de Automóveis**, que se efectuará na Parada dos Bombeiros Voluntários, são já em grande número os inscritos, entre os quais se contam alguns dos mais experimentados e conhecidos volantes do país. Constituirá um grandioso espectáculo desportivo.

Quanto à **Marcha Milaneza**, a cargo da Associação dos Empregados de Comércio, ela será o mesmo deslumbrante e feérico cortejo que à cidade traz, sempre que se realiza, milhares e milhares de forasteiros. Para isso se esforçam os dedicadíssimos rapazes da prestimosa Associação.

Os **Concertos no Jardim Público** hão-de ter, com certeza, farta concorrência, dada a categoria artística da banda regimental que os executará, que é a de Infantaria n.º 20.

Pelo que respeita a **Ornamentações** e **Iluminações**, elas em nada ficarão a dever às dos anos em que foram melhores. Ainda há pouco tivemos ocasião de ver os respectivos projectos. São lindíssimos. Produzirão, estamos certos, um extraordinário efeito. Serão ornamentadas e iluminadas as seguintes ruas e praças: Praça D. Afonso Henriques, Largo Prior do Crato, rua da República, rua de S. Damaso, Largo 1.º de Maio e Largo da República do Brasil. O Toural, a rua da República e o Jardim, electricamente. As restantes ruas, à maneira do Minho.

Várias **Bandas de Música**, escolhidas entre as mais afamadas, animarão os festivais, arruando e dando concertos nos lugares mais centrais.

O **Fôgo de Artifício**, está entregue, entre outros, aos pirotécnicos de Lanhelas (Fernandes e Libório), que em competência vão travar uma luzidíssima luta. Basta isto para se poder contar com verdadeiras maravilhas.

As **Festas da Cidade** de êste ano hão-de perdurar na memória de naturais e de estranhos durante muitos anos, — é a nossa convicção.

Que os vimaranenses auxiliem eficazmente aqueles que se propuzeram realizá-las, é dever essencial. Subscrevam todos com a maior quantia possível! Fazendo-o, contribuirão para o bom nome e o prestígio da nossa Terra!

O preço da carne

No *Janeiro* de domingo último, em correspondência de Macedo de Cavaleiros, lia-se o seguinte:

«Estamos aqui optimamente servidos de carnes verdes. O quilo de boa vitela custa 4$00».

Feliz terra! Feliz gente!

Quatro escudos um quilo de boa vitela... Por cá, se não fôsse a tentativa simpática do talho regulador, que oxalá se conserve, ainda a pagariamos consoante o preço exageradíssimo por que a quisessem tabelar os senhores vendedores.

Diz a mesma correspondência:

«Talvez em nenhuma outra terra seja tão boa e tão barata».

Quem dera que nós pudéssemos dizer o mesmo não só da carne, mas também do milho, do peixe, do vinho, do azeite, do fiel amigo e do mais que nos custa os olhos da cara!

Hoje, o cidadão que no nosso país ganha para comer, pode considerar-se um felizardo.

E os felizardos são bem poucos...

Corrida da rampa e S. Cristóvam

E' àmanhã, que, na estrada da Penha, a começar na Cantonha até junto do Hotel, onde estará colocada a meta, se realiza esta importante prova automobilística, pela primeira vez organizada o ano passado pelos *chauffeurs* quando da festa de S. Cristóvam e levada êste ano a efeito pelo A. C. P.

A concorrência de curiosos, será sèriamente extraordinária. Trata-se de uma prova emocionante, cheia de dificuldades, que será disputada por alguns dos melhores volantes portugueses.

Os prémios são valiosos.

Os *chauffeurs* profissionais comemoram àmanhã também o seu patrôno, tendo preparado uma festa rija, com arraial, música, fogo, etc.

E' de lastimar que ainda lá não haja no alto da formosa serra aquele mínimo de comodidades que seria para desejar, especialmente o hotel, cuja conclusão estava prometida para o ano passado.

História singela

Era uma vez uma caminheta pertencente à Comissão de Turismo da Penha. Tinha, bem vizível, pintado por ágeis mãos, o escudo nacional, aquele escudo que ficou sem corôa no dia 5 de Outubro de 1910.

Um dia começou de empenar, logo se reconhecendo a necessidade de proceder às reparações precisas. Findas estas, fez-se a competente pintura.

E o escudo, aquele escudo que em 1910, no dia 5 de Outubro, perdeu a corôa, desapareceu sob a camada da nova tinta...

...e acabou-se a história...

Serviço Policial

Continua sendo aquela maravilha por nós já tantas vezes exaltada.

Sinceramente cremos que o sr. Administrador do Concelho, em face dos constantes agravos da imprensa local, tenha feito o possível por acabar com uma situação que vergonhosamente se arrasta há longos anos; nada nos custa também acreditar que Sua Ex.ª que mais de uma vez haja chamado a capítulo os seus subordinados, indicando-lhes, em exemplares teorias, a maneira como devem desempenhar-se das suas funções.

A verdade, porém, é que, a ter procedido como julgamos, a voz do sr. Administrador não foi ouvida, nem pelas instâncias superiores, que continuam surdas a todas as solicitações em favor da nossa terra, nem pelos guardas cívicos, que imperturbàvelmente se manteem, numa deliciosa unanimidade, adeptos dos sagrados princípios do «deixar andar» e do «não te rales».

Ora é tempo, mais que tempo, de no Ministério do Interior se convencerem de que Guimarães não é positivamente o sertão.

Basta de tanto sofrer!...

E' também mais que tempo de os srs. polícias se compenetrarem de que o Estado lhes paga para fazerem alguma coisa de útil.

Basta de mandriice!...

Ao sr. Administrador do Concelho rogamos uma vez mais que volte a sua esclarecida atenção para estas pequenas e insignificantes coisas, aproveitando para isso um minuto de descanço ou de menos apêrto nos superiores trabalhos de organização político-eleitoral, a que com tanto afinco se tem dedicado...

Aos assinantes das aldeias

A cobrança do primeiro trimestre das assinaturas dêste jornal, nas freguesias rurais, decorreu muito irregularmente, em parte pela dificuldade de encontrar em suas casas alguns dos srs. assinantes, e em parte também pela maneira como foi feito o serviço dos correios, o que causou graves perturbações nos nossos serviços de administração.

Esperamos que desta vez os nossos assinantes das aldeias, quando não façam directamente entrega da importância da assinatura contra o recibo enviado pelo correio, a mandem para a administração do jornal, situada na rua 5 de Outubro n.º 33, poupando-nos novas despesas de cobrança.

Percalços

A revisão de um jornal é sempre uma coisa delicada. Por mais cuidado que haja, raro é que não passe uma ou outra gralha, até daquelas que chegam a alterar o sentido do que se escreve. Assim nos tem acontecido em vários números.

No último, porém, a quantidade dos deslizes foi além do normal, o que se explica pelo ponto de êle ter sido redigido, composto e impresso em circunstâncias muito especiais que impediram de fazer a revisão.

Muito embora confiemos na inteligência dos nossos leitores, a verdade é que o jornal tem obrigação de se apresentar o mais possível perfeito.

Prometendo emenda, pedimos do facto desculpa a todos os que nos lêem.

Bar-da-Penha

Passa-se com toda a existencia.

Quem pretender pode dirigir-se ao proprietario, no referido local.

Guimarães, 17 de Julho de 1931.

MAQUINAS DE ESCREVER

As mais perfeitas, as mais modernas, as mais resistentes e as mais economicas, vende a **Casa High-Life**

Gazetilha

A SEMANA

Havia a Semana Santa!
Mas, agora, ha tanta, tanta
Semana! E' um maná.
P'ra cada moléstia há uma...
Quer isto dizer, em suma,
Que o ano não chega já.

«Sarampo», «sarna», «bronquite»,
«Lombrigas» e «enterite»,
«Diarreia», «catarral»,
«Caspa», «asma» «pneumonia»,
«Unha encravada», «astenia»
E «fraqueza genital»;

«Diabetes» e «cirrose»,
«Cancro», «Tuberculose»,
«Apendicite» e «Angina»;
Tudo, enfim, que está apontado
Em calhamaço abonado
De cousas de medicina.

«Até morrer... aprender...»
Mas, temos mais, a saber:
«Pecuária», «Criança»,
«Livro», «grêlo», «espiga»,
«Higiene», e, há quem diga,
Que a vai haver d'«Arpa e Dança».

Ora assim, por êste andar,
As semanas vão falhar!...
Cincoenta e duas é nada!
E' pouco uma pobreza...
Mas, há remédio, e certeza,
P'ra resolver a charada.

O ano, fica assim escrito,
Tem semanas ao infinito...
E acabou-se o *sum-sum*.
E quando certos fulanos
Me preguntarem p'los anos..
— ¿Eu anos? Tenho só um..

OLHO DE LINCE

Luís de Camões, o grande épico português

A grande individualidade de Camões, o príncipe dos poetas portugueses, o autor do poema mais patriótico que existe, um dos maiores poetas do mundo, ombreando com Homero e Vergílio, Horácio e Lucano, Tasso e Milton, Byron e Voltaire, Goethe e Schiller, o imortal autor da grande epopeia «Os Lusíadas», nasceu em Portugal em 1532. Lisboa, Santarém, Coimbra e Alenquer, disputam a glória de ter sido o berço dêste imortal lusíada. Seguindo a tradição, os seus primeiros passos foram dados em Lisboa, onde seus pais se tinham vindo estabelecer.

Na sua juventude segue para Coimbra, para fazer ali o seu curso de humanidades.

Já Coimbra era, nêsse tempo, a cidade da boémia espiritual, com a Quinta das Lágrimas, onde, a linda Inês, soltou os meigos soluços do seu infinito amor. Já as freiras de Santa Clara confeccionavam os apetitosos pasteis para a estudantada em flor, já os frades crúzios de Santa Cruz liam o breviário, já o casacão universitário resplandecia magestoso, soberbo, quando Luís de Camões para ali fôra e já êle compunha peças de teatro como «Anfitriões» e «El-rei Seleuco», para os estudantes representarem; e, cantando as graças de uma Leonor «vai fermosa e não segura». Tendo terminado os seus estudos ali, voltou Camões para Lisboa, onde então brilhava a côrte de D. João II. Começando a freqüentar os serões do Paço, onde se cultivava a arte, êle, entre tantos moços garbosos, destacava-se e erguia-se o seu talento formidando.

Os seus formosos versos recitados com aprumo e graça, despertaram na linda moça Catarina de Ataíde, que êle imortalizou de Natércia, uma torrente de amor e nos outros cortesãos a maior inveja. Correspondido pela meiga beldade — a pálida flor dos Paços da Ribeira — mas intrigado e caluniado, abandona a côrte de D. João III. Sabendo do alistamento militar, que então se efectuava, de uma hoste aguerrida às terras de Africa, êle lá vai, em demanda de Mazagão, onde, as tropas portuguesas, deviam de reprimir as insolências da mourama. Travada a pleja e lutando como um valente, ao lado de seu pai, vem uma seta traiçoeira que ia varar o seu progenitor, quando, êle, lhe antepõe o escudo; a flecha bate a de recochete, vasa-lhe o ôlho direito.

Luís de Camões estava cego, mas seu pai estava salvo. Em 1549 volta a Lisboa, onde, numa rixa havida entre lacaios do coche real e os de um fidalgo, numa pomposa procissão de «Corpus Christi», e vendo que a razão estava do lado dêstes, fere com o seu espadim um lacaio real; sendo preso, é levado aos tribunais, onde o condenam a reclusão no «Tronco». E' aqui, nesta prisão sórdida, que êle escreve os primeiros cantos da sua epopeia genial. Vendo-se livre, embarca em 24 de Março de 1553, para a India, aportando a Gôa, onde, empunhando o montante nas refregas contra Xátrias, Sudeias, Vaicias e Beamenes, assegurou a altivez do pendão lusitano, desde Malabar até à costa de Coeamandel.

Em 1558 é nomeado *Provedor mór dos defuntos e ausentes*, para a colónia de Macau, e, era ali, numa gruta que tem o seu nome, que êle escrevia os seus versos tão sonoros e sublimes. Camões para se justificar de acusação formidanda, embarca com rumo a Gôa, mas, ao chegar à Indo-China, dá-se o naufragio. Atirando-se ás ondas encapeladas, braceja com a mão direita, rumo à terra, levando na esquerda, o seu poema imortal! Estavam salvos os «Lusíadas». Tomando outro navio chegou a Gôa, demonstrando cabalmente a sua inocência, do crime de concussão, que lhe era imputado. Ao mesmo tempo recebe a triste notícia de que a sua querida Natércia tinha morrido. Sensibilisado, dedica-lhe o saudoso soneto: «Alma minha gentil que te partiste».

Em 1567 embarca de Gôa para Moçambique, donde Diogo do Couto o leva para Lisboa e, ali, consegue ser apresentado ao rei D. Sebastião que em Sintra ouve a leitura dos «Lusíadas», que lhe eram dedicados.

Por alvará de 23 de Setembro de 1571, é-lhe consentida a sua impressão e estabelece-se-lhe a pensão anual de 15$00. Pobre, vivendo de esmolas, que o escravo Jau mendigava pelas ruas de Lisboa, assistindo ao desastre de Alcácer Quibir, êle, definhando-se, via a Pátria morrer.

Todos os males o atingiam, assim como à nossa querida Patria. Paupérrimo e triste, injuriado, vendo Portugal prestes a cair sob o domínio Castelhano, Camões, o príncipe dos poetas, morria, esquecido, no catre de um hospital, a 10 de Junho de 1580, *morrendo com a Pátria portuguesa*, que durante 60 anos, os da ocupação filipina, sofreu os maiores vexames e vilipendios, acordando e correndo os seus intrusos na manhã histórica de 1 de Dezembro de 1640.

A. B.

Dr. Jerónimo Rocha

Este nosso querido amigo e correligionário de há muito que vem sofrendo um golpe profundo com a doença dum estremecido filho, de 7 anos de idade, pequenino e encantador, que enchia de alegria o lar e era todo o enlêvo de seus pais. Uma pertinaz doença, inclemente e perigosa, vem consumindo o corpito daquele ser que enche a alma dos progenitores, e a ciência tem sido impotente para valer e retemperar a saúde da infeliz criança. Ultimamente, a falta de apetite acentuou-se e já a desilusão entrou francamente no coração de quem tanto o estremece, receoso dum desenlace fatal.

Ao Dr. Jerónimo Rocha, os votos sinceros porque os sobressaltos sofridos se transformem ainda em alegria, melhorando a saúde de seu filhinho.

Necrologia

No hospital da Ordem de S. Francisco, onde há pouco ainda se havia recolhido, faleceu, vitimado pela tuberculose, o sr. Francisco Leite Mendes, que nesta cidade foi empregado comercial e negociante.

Deixa muitas saüdades, pois era verdadeiro amigo dos seus amigos e um bairrista entusiasta.

A' sua Ex.ma viúva, as nossas sinceras condolências.

Fio de ouro Achou-se no Toural. Entrega-se a quem provar pertencer-lhe

Informa esta redacção

BENJAMIM DE MATOS & C.ª, LIMITADA

Toural — GUIMARÃES

SEDE

LOJA DO LEQUE

TELEFONE N.º 64

Fazendas de lã, seda e algodão—Fazendas brancas—Malhas—Perfumarias e miudezas—Papeis para forrar casas—Maquinas de escrever

FILIAL

CASA HIGH-LIFE

TELEFONE N.º 230

Modas e Miudezas — Camisaria — Gravataria — Luvaria — Perfumarias — Meias de seda e : : algodão — Artigos para bordar : : :

Atelier de modista de Isménia Augusta de Matos — Rua Gil Vicente — Telefone n.º 64
Sempre novidades em tecidos de lã, algodão, fantasias e sedas diversas
: : Preços reduzidos — Vendas só a dinheiro — Perfiram sempre estas casas : :

DROGARIA MODERNA

DE

Fernandes Guimarães & Irmão, Suc.

Guimarães { Telefone N.º 146 / RUA DA REPUBLICA

TINTAS — VERNIZES
LOUÇAS — POLVORAS
VIDROS — CAIXILHOS

Casa das Gravatas

DE

Dias & Carvalho, L.da

43—RUA DA REPUBLICA—47
TELEFONE 188
GUIMARÃES

CHÁPELARIA, CAMISARIA, GRAVATARIA
COMPLETO SORTIDO EM MEIAS E PEUGAS, POPELINES
BOLSAS, MALHAS, GUARDA-CHUVAS, PERFUMARIAS,
MIUDEZAS E ARTIGOS DE NOVIDADE

Vejam os nossos preços

Rádio Telefunken

Os melhores aparelhos da Europa

Um aparelho TELEFUNKEN adequado para cada fim

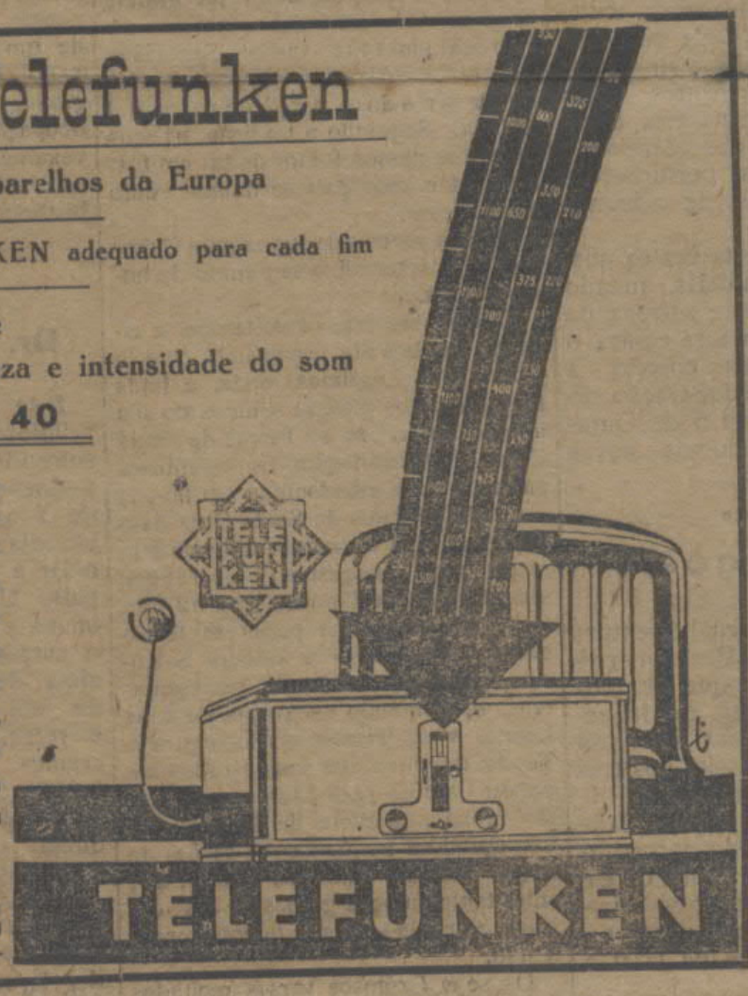
A maior selectividade
Pureza e intensidade do som

TELEFUNKEN 40

O receptor com um ano de avanço sobre o demais. Sua simples manobra e a seu elevado rendimento fizeram dele o receptor de classe mais universalmente dessiminado. Peça V. Ex.ª uma demonstração sem compromisso nem encargo ao : : : : : : :

Representante em GUIMARÃES:

HENRIQUE PIRES



TELEFONE 181 — GUIMARÃES

CASA IDEAL

DE

Joaquim Leite Monteiro

que é tambem o representante das maquinas de escrever L. C. SMITH e CORONA, que são reputadas ás de modelo mais perfeito e as de maior duração

28 — Rua 31 de Janeiro — 30 — *GUIMARÃES*

PAPELARIA, PERFUMARIA E TABACOS

Gramofones — e discos —
Papeis de embalagem, Fio, Papelão e maquinas de es- : : crever : :

Papelaria Central

Praça D. Afonso Henriques
— TELEFONE 140 —

Artigos fotograficos
Unica casa de Especialidade

"O POVO DE GUIMARÃES"
SEMANARIO REPUBLICANO

Rua 5 d'Outubro N.º 33
GUIMARÃES

Assinaturas		Anúncios	
Por ano	24$00 Esc.	Cada linha	$50 cent.
Africa	28$00 »	Na 1.ª e 2.ª pág. preços convencionais.	
Brasil (moeda brasileira)	20$00 »	Comunicados, linha	$60 »
Estrangeiro	40$00 »	Imposto do sêlo	$15 »
Número avulso	$50 cent.	Linómetro tipo corpo 8.	

~~Ex.mo Snr.~~

A' "Revista de Guimarães"

Guimarães

Deposito da Cal da Figueira

DE

LEITE & FIGUEIREDO

NESTE DEPOSITO ENCONTRA-SE Á VENDA
Sulfato de Cobre Inglez e Enxofre
das melhores procedencias

Agentes do cimento TEJO

Largo de S. Paio — **GUIMARÃES**